

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**POBRES PALAVRAS: METALINGUAGEM,
SENTIDOS E EFEITOS DAS PALAVRAS ALIADOS AO
ENSINO DA LÍNGUA COM O GÊNERO CRÔNICA**

Sílvia Fernanda Souza Dalla Costa¹ (IFCatarinense/ UPM)

A partir da crônica “Pobres palavras”, de Domingos Pellegrini, o presente trabalho discute o ensino da língua, enquanto sistema, a partir dos usos que dela se faz, considerando como se pode ligar a gramática da língua aos sentidos e efeitos produzidos em um texto. Tem como objetivo apontar que a gramática, mais do que organizar as estruturas dos enunciados, é responsável pela construção da maioria dos sentidos em um texto, o que é de fundamental importância no ensino da língua. Isto significa que quando um escritor escreve um texto, é com a gramática que produz sentido, o que é demonstrado com exemplos e escolhas de vocábulos feitos pelo autor no desenvolver da crônica.

Analisa-se a crônica a partir da metalinguagem utilizada, uma vez que as palavras do texto são utilizadas para construir sentidos e tratar das próprias palavras, uma vez que o texto em questão gira em torno da busca de termos de metalinguagem para encontrar a definição, o sentido das palavras. Assim, demonstra-se que a utilização da gramática para produzir sentidos é a base das construções que muitos poetas e cronistas têm, pois além de apresentarem ideias, expressam-na de maneira significativa.

Com a reflexão proposta no trabalho entre gramática, ensino da língua e gênero crônica, pretende-se denotar que há uma ligação especial entre os textos produzidos na literatura com os deslizamentos de sentidos das palavras. Afirma-se que os recursos usados para a compreensão dos sentidos são maiores que os expostos na gramática, no entanto, é por meio dela que as frases se “arranjam”, se organizam os enunciados e se produzem tais sentidos. Com a gramática funcional há a necessidade de se abrir mão do rigor da gramática tradicional, porque o sentido das palavras é escorregadio e pode

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

assumir diferentes facetas, o que o ensino da língua, em especial no espaço escolar, não pode negar.

1. A GRAMÁTICA DA LÍNGUA E SUAS FACETAS: ANÁLISE

A Gramática da Língua, mais do que organizar as estruturas dos enunciados, é responsável pela construção da maioria dos sentidos em um texto. Isto significa que quando um escritor escreve um texto, é com a gramática que produz sentido. A utilização da gramática para produzir sentidos é a base das construções que muitos poetas e cronistas têm, além de apresentarem idéias, expressam-na de maneira significativa. Para exemplificar, trataremos da crônica “Pobres palavras”, de Domingos Pellegrini, na qual se abordam os sentidos que evoca uma palavra aparentemente “pomposa”.

O título da Crônica – “Pobres palavras” – evidencia esta disparidade, tendo em vista que palavras como **inexorável, implacável e inenarrável**, termos apontados no texto (tidos como de uso raro e “pomposo”, pertencentes a um vocabulário mais rebuscado), são tratados como “pobres” pelo autor, gerando um paradoxo: algo pomposo, porém pobre. Já no título, de certo modo, há uma quebra de expectativa: o que as palavras neles abordadas têm de pobres? O sentido dicionarizado da palavra pobre (que aparenta ou revela pobreza), hoje já aparece com aplicações e sentidos que emergiram dos usos que a palavra foi assumindo, o que apresenta que o léxico pode variar.

Em relação ao vocábulo “pobre” (apresentado no título e retomado no início do segundo parágrafo - **“Bem, desta vez fiquei com pena da pobre inexorável”**), no dicionário já é possível encontrar alguns sentidos diferenciados, como os exemplos abaixo:

1. Mendigo ou pedinte, pessoa que pede esmola: Ex: Ainda há muitos pobres na rua.
2. Que ou quem desperta compaixão; coitado; infeliz. Ex: pobres crianças; nem sei como é que aquela pobre aguenta a situação.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

3. Que tem pouca quantidade. Ex: dieta pobre em gorduras.
4. FIG 1: POBRE DIABO: simplório, ingênuo, tolo.
5. FIG 2: POBRE DIABO: indivíduo sem importância.

Há ainda outras significações que são atribuídas à palavra pobre. Talvez, para a crônica, pode-se afirmar que o item 2, “que ou quem desperta compaixão” seja o sentido proposto pelo cronista um seu título, um deslizamento de algo (compaixão) que geralmente é destinado a seres, para termos tradicionalmente propostos como “estáticos” (as palavras). Ou seja, a linguagem em uso nos permite uma fluidez na organização gramatical, sendo que os deslizamentos de função e de sentido são possíveis.

Nesta perspectiva, a gramática nunca deixa de ser equilibrada, o que leva à produção de mais e mais sentidos, dependendo das escolhas feitas pelo falante/escritor. Em relação à expressão “Pobres palavras”... afinal, pobre em quê? Em uso? Talvez, pois a pomposidade da pronúncia não garante o uso e é no uso que um termo ou vocábulo se fortalece.

Bakhtin (1999), em *Marxismo e filosofia da Linguagem*, já afirmava que apenas as palavras em seu sentido dicionarizado são neutras, pois a partir do momento que entram no fluxo da comunicação verbal, seja escrita ou falada, elas assumem a função de enunciados e passam a construir sentidos, adquirir significados. Por isso um enunciado nunca é palavra neutra. A língua está sempre em equilíbrio, mas em um equilíbrio instável, pois está sempre em mudança, o que não prejudica o funcionamento dela.

A gramática tradicional, que surgiu com fundamentação na filosofia da Gramática grega, já nasceu com a preocupação de salvaguardar, de preservar uma língua que estava em decadência. No entanto, a consciência linguística de uma comunidade é que está no alicerce de uma gramática, que só tem real razão e existência quando tem usuários que a praticam para suas relações diárias, para a construção de sentidos. Tirando aquilo que é estrutura da língua e que a organiza (os elementos que

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

fazem uma língua ser esta determinada língua e não ser outra), como os sintagmas verbais e nominais e sua ordenação na construção dos enunciados, o restante são escolhas. E, são nas escolhas que os usuários constroem os mais diferentes sentidos. Por meio da gramática é que se pode aliar a sintaxe (estrutura) à semântica (sentido) e à pragmática (uso).

Na crônica em questão, já no primeiro parágrafo o autor faz uso de escolhas, como se pode observar:

Lendo um romance, **tropecei** na palavra inexorável. É uma das que **mantenho desconhecidas**, desde rapazola, quando peguei gosto de ler. Desconhecida porque, mesmo já tendo lido inexorável muitas vezes, **nunca quis saber o sentido**. Parece uma palavra em **desuso**, dessas que ficam lá nos velhos armazéns da língua, coberta de poeira, até que alguém pega e coloca numa frase como roupa no varal. **O leitor é quem recolhe estas roupas**, uma por uma, menos as que, como inexorável, a gente não sabe o que é, deixa lá, para que volte sozinha ao armazém e fique lá mofando até que.... (**grifo meu**). (CAMPOS & SILVA, 2007).

No início do parágrafo, o autor aponta suas escolhas ao utilizar o termo “tropecei”. Tropeçar, em seu sentido dicionarizado, significa “*dar topada involuntária com o pé, esbarrar*”. Mas, figurativamente, pode-se atribuir o sentido de encontrar um obstáculo inesperado, pois não se trata de um obstáculo físico, mas sim de uma palavra, que evita que o fluxo do texto continue sem entender seu sentido. Esta escolha promove a quebra da linearidade do texto, uma vez que a partir deste comentário o autor trabalha com o sentido das palavras, fazendo uma reflexão sobre seu uso.

Na sequência, denota que seu tropeço é por encontrar algo que mantém desconhecido. A linearidade novamente é quebrada, afinal, objetivamente, ou algo é desconhecido ou não é. Ao afirmar que “mantém desconhecido”, produz um certo efeito de distanciamento, o que o autor deixa explícito ao afirmar que lhe é desconhecido, não por nunca ter visto anteriormente, mas porque “nunca quis saber o sentido” .

A metáfora de uma palavra em desuso, coberta de poeira em um velho armazém da língua demonstra a dinamicidade que as palavras e os usos delas têm. Por vezes

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

esquecidas, dependendo a situação, são colocadas em um varal. Mas o fato de estarem expostas neste varal (no caso, aplicadas em uma frase) não garante que o leitor as recolha (reconheça seu sentido e tente entendê-la no contexto da frase), quando, então, retorna ao armazém e fica “mofando” devido ao desuso. O mofo é causado por fungos, em objetos ou locais algo que devido ao desuso, à falta de ventilação, ou ao permanecer por longo tempo sem atividade, cria-se um ambiente favorável e acaba por deteriorar.... Uma palavra sem uso também se deteriora porque não é mais reconhecida como elemento de sentido.

Ao afirmar que “o leitor é quem recolhe estas roupas”, o cronista brinca com a relação entre sintagma e paradigma (dicotomias propostas por Saussure ao tratar da linguística como algo científico e objetivo), definidos respectivamente pelas relações de seleção e a relação de combinação entre os elementos que compõe a língua. Ou seja, dentre as possibilidades, seleciona-se o termo mais adequado, o que deve estar de acordo com a organização dos enunciados nos sintagmas. O leitor é quem coloca esta dinâmica em funcionamento, ao procurar interpretar os vocábulos da maneira como são apresentados no texto.

Com esta reflexão quero denotar que há uma ligação especial entre os textos produzidos na literatura com os deslizamentos de sentidos das palavras. O escritor é o que brinca, é o que joga com os sentidos gramaticais para produzir reações em seus leitores, de estranhamento, de graça, de empatia... Ou seja, pode-se afirmar que os recursos usados para a compreensão dos sentidos são muito maiores que os expostos na gramática. No entanto, é por meio dela, da gramática, que as frases se “arranjam”, se organizam os enunciados e se produzem tais sentidos. Com a gramática funcional há a necessidade de se abrir mão do rigor da gramática tradicional, porque o sentido das palavras é escorregadio e pode assumir diferentes facetas.

No segundo parágrafo da crônica, o cronista afirma “ir ao dicionário”, utilizando um verbo transitivo (quem vai, vai a algum lugar) aplicado a um objeto. Percebe-se que usar o verbo “consultar”, comumente utilizado quando se trata de dicionário, não apresenta a ideia de distanciamento que “ir a” traz. Ou seja, sair do seu lugar de

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

conforto e buscar um significado tão distante, “desvendar” o significado, como algo que está escondido e não no cotidiano dos usuários da língua. Assim trata inexorável, inenarrável, inconsútil, idiossincrático... palavras pomposas que precisam ser decifradas para que alcancem o entendimento.

A origem das palavras apresenta a cultura de uma língua, saber o que significam seus prefixos e sufixos, gregos e latinos, pode auxiliar no entendimento do significado que subjazem tais palavras, mas sua definição dicionarizada nem sempre é capaz de apresentar, de fato, o sentido que está sendo atribuído a ela em determinado contexto.

Como a própria sinopse do texto propõe “Inexorável. Inconsútil. Quantas e quantas vezes nos deparamos com palavras pomposas, cujo significado nem sempre conhecemos! O sentido real, porém, pode nada ter de grandioso ou ser bem diferente do que parece. O dicionário que o diga!” O dicionário em geral, é visto como a válvula de escape para “encontrar” o campo semântico a que uma palavra está relacionada, mas é no uso que isso pode se configurar, que os sentidos realmente emergem. Por outro lado, é a gramática que auxilia na construção deste sentido, pois, ao fazer as escolhas de forma e de léxico para seu texto, o escritor busca construir um ou outro sentido que quer apresentar ao leitor.

A crônica toda gira em torno da busca de termos de metalinguagem para encontrar a definição, o sentido das palavras, como é feito com a palavra “inconsútil”, no terceiro parágrafo, que, no sentido dicionarizado, significa “sem costura”. A reflexão proposta neste parágrafo nos leva a pensar na tessitura do texto, nos elementos que o estruturam, retomam, afloram sentidos. Ou seja, “tantos mantos inconsúteis e eu não consegui ver algo em comum entre eles para achar o sentido da palavra, e eram apenas mantos sem costura...”. Mantos sem costura, palavras sem sentido, a necessidade que um texto não seja apenas “um amontoado de palavras”, sem conjunto, sem relação e sem significado para o leitor.

Esse jogo simbólico feito como significado das palavras em meio a reflexões de metalinguagem também pode ser observado em outras obras, como exemplo, pode-se citar José Saramago (2005), na obra “As intermitências da morte”, quando alertou:

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

“Com as palavras todo cuidado é pouco, elas mudam de opinião como as pessoas”, excerto que faz alusão às funções que determinadas palavras assumem no texto, como podemos observar quando, no quarto parágrafo da crônica “Pobres palavras”, é introduzido um diálogo

Outro dia numa festa o cartunista Jota disse que sou idiossincrático, que era **outra das minhas ilustres desconhecidas**.

- Mas o que é idiossincrático, Jota? Eu não sei.

- **Gozador**

Fiquei sem saber se eu era um gozador ou se idiossincrático é gozador, o que daria no mesmo. Chegando em casa, fui direto ao dicionário, e continuo sem saber o que é idiossincrático, a não ser que entenda o que é idiossincrasia: “disposição particular do temperamento e constituição, em virtude da qual cada indivíduo sente inversamente os efeitos da mesma causa”. A definição me deixou mais ignorante! Fora **isso**, só diz que a **palavra** vem do grego. (CAMPOS & SILVA, 2007- **grifo meu**).

Os efeitos que a referenciação das palavras promovem no texto também nos leva a análises interessantes. Neste diálogo percebemos que a indeterminação de tempo é apontada pela palavra “outro dia” e aos acontecimentos anteriores em relação às dúvidas sobre o significado das palavras, o que é retomado pela expressão “outra das minhas ilustres desconhecidas”, que ainda faz referência à palavra idiossincrático. O termo “isso” retoma o fato de não conseguir definir idiossincrático, quando nomeia com o termo “a palavra”. A organização da linguagem também pode produzir ambiguidades, como a resposta “gozador”. Ele trata seu interlocutor como gozador por não acreditar na sua ignorância do termo, ou ainda, gozador é a própria definição do termo idiossincrático? A ambiguidade, a ironia e outras figuras de linguagem decorrem das escolhas e da organização gramatical que possibilitam criar tais sentidos

No último parágrafo da crônica, todas as dúvidas do narrador quanto ao vocabulário pomposo são “costuradas”, quando acrescenta a palavra inelutável para encerrar suas reflexões. É inevitável que palavras surjam e sejam acrescentadas ao léxico da língua; como também é inevitável que algumas sejam deixadas de lado a medida que sua definição fique cada vez mais distante do uso a que era atribuída. As

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

estruturas são as mesmas, mas os efeitos que evocam nos textos estão diretamente ligados ao uso que se faz delas.

Por isso, é importante destacar que no decorrer desta análise, alguns elementos da gramática funcional foram evidenciados, pois tais reflexões e usos é a gramática que possibilita, sendo que estão baseados: em **processos acomodativos** no uso da língua, sob determinação discursiva; em uma **liberdade organizacional** dos falantes na construção e na acomodação dos enunciados, bem como em um **embasamento cognitivo da gramática**, no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes.

A gramática como elemento de produção de sentidos precisa ser uma gramática do uso e não apenas uma gramática da norma, estática e desvencilhada, que define funções e organiza quadros sem levar em conta os deslizamentos de sentido que determinados termos assumem. Afinal, a língua se modifica com o uso que uma comunidade linguística faz dela e a gramática vem não para normatizar apenas, mas também para organizar os diferentes sentidos que a organização de um texto pode evocar.

Referências

CAMPOS, C. L. S; SILVA, N. J.(orgs). **Lições de gramática para quem gosta de literatura**. São Paulo: Panda Books, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____, **Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Michail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2002.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ⁱ Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Professora do Instituto Federal Catarinense- IFC Câmpus Concórdia, Brasil.e-mail: silvia.costa@ifc-concordia.edu.br.